

O PSICOPEDAGOGO NA PRÁTICA COLABORATIVA EQUOTERÁPICA NO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO INCLUSOS EM SALAS REGULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Francelina de Queiroz Felipe da Cruz*,**
franceqfcruz@oi.com.br

* Faculdade Sul Fluminense, Volta Redonda/RJ – Brasil

** Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Seropédica/RJ – Brasil

RESUMO

Este trabalho tem como proposta o estudo da contribuição e atuação do psicopedagogo na Equoterapia e sua relação com a interação do cavalo como um elemento colaborativo na construção do ensino, aprendizagem e do desenvolvimento da criança autista inclusas em salas regulares da educação básica. Assim, o objetivo deste trabalho é descrever, observar e analisar as contribuições desse profissional no Programa de Equoterapia Educacional da UFRRJ no CAIC - Paulo Dacorso Filho, com crianças Autistas como mediação do processo de ensino e aprendizagem na significação da cultura escolarizada apoiando-se na abordagem colaborativa entre todos os agentes educativos da escola e o cavalo. Desta forma, os resultados obtidos indicam avanços comportamentais, afetivos e significativos dessas crianças, rompendo com as perspectivas conservadoras baseadas na limitação de aprendizagem, sendo aos poucos desfeitas nas interações transdisciplinares que Equoterapia passou a proporcionar entre atividades lúdicas, inclusivas baseadas em jogos e ações motrizes com e sobre o cavalo. Favorecendo a superação para a expectativa transformadora da aprendizagem desvendando novas saberes e práticas educativas, trazendo novos significados pedagógicos com a aproximação da escola, terapeutas e a família. Reafirmando que as interações, mediadas por esse profissional, estabelecidas na vida dos sujeitos com necessidades educacionais especiais se constituem no importante papel na vida educacional nos processos intercedidos no ensino, aprendizagem e no desenvolvimento da criança autista.

Palavras-chave: Equoterapia, Autismo e Prática Colaborativa.

1 – INTRODUÇÃO

As constantes transformações sociais em que perpassam os sujeitos sociais bem como suas relações com o ensino e aprendizagem nos direcionam a uma reflexão mais apurada a cerca da constituição da escola e seu papel formador na vida de cada ser social. Dentro dessa perspectiva observamos que o aumento considerável da diversidade de sujeitos com

necessidades educacionais especiais, suas novas formas de se relacionar com o mundo e ao mesmo tempo a inserção cada vez mais precoce no contexto escolar tem despertado inúmeras discussões, debates e pesquisas a respeito desses indivíduos e suas dimensões no processo de escolarização. Nesse contexto observamos o quanto é relevante e ao mesmo tempo um divisor de águas a intervenção do psicopedagogo no auxílio e mediação desses processos, sobretudo na aprendizagem.

Desta forma nosso trabalho percorreu em analisar as contribuições das práticas educacionais construídas no âmbito da intervenção psicopedagógica, no projeto de equoterápica escolar, que possibilitem um processo educativo inclusivo da criança com autismo nas classes regulares da educação básica, desconstruindo a ideia do autismo reduzida às práticas de intervenções somente terapêuticas e clínicas. Sendo assim, olhar a criança com autismo em uma sala de aula regular tendo como suporte colaborativo as intervenções de Equoterapia, desvendou-nos um caminho a percorrer onde as diferentes abordagens educativas atreladas às práticas intraclases estavam contribuindo para o sucesso e a permanência da criança autista na escola. Ao longo da pesquisa as interlocuções fez-nos refletir sobre as condições de inclusão da criança autista no espaço escolar, e sobre as representações ‘conservadoras e emancipadoras’ que temos a respeito do aluno com autismo e sua escolarização. Desta forma a importância da prática equoterapia mediada com a atuação do psicopedagogo e os demais profissionais terapêuticos, enquanto atividade colaborativa da escola, e, que as possibilidades de se trabalhar com cavalos no espaço escolar são reais e inventivas e que podem muito bem articular as estratégias criativas do professor e a prática escolar, na elaboração do planejamento inclusivo.

A possibilidade da atuação do psicopedagogo no espaço escolar contribuiu para o surgimento de um espaço criativo, aberto, rico em liberdade, do riso e brincadeiras infantis e cantadas no pátio da escola, sem determinantes curriculares, sem limites para propostas reinventadas. As atividades das crianças nos cavalos, em sua grande parte, produziram nas crianças e na minha filha, um sentido de querer a escola, permanecer na escola; estabelecendo uma relação mais bidimensional, lúdica e diferente com a escola, uma relação dinâmica, polissêmica e inclusiva.

Assim, essa pesquisa tem o objetivo de compreender como a Equoterapia Educacional participa do processo de escolarização de uma criança com autismo tendo o psicopedagogo o mediador desse processo terapêutico de aprendizagem escolar da criança com autismo. Identificando assim as possibilidades de significados e sentidos vinculados ao cotidiano

escolar de uma criança autista. Como as ações psicoterapêuticas na escola com a Equoterapia, produzindo diversos modos pedagógicos entre os agentes os distintos agentes escolares, suas atividades pedagógicas e outros discursos que legitimam as estratégias voltadas para a ação efetiva de um tipo de Equoterapia Terapêutica mediada pelo psicopedagogo, desenvolvida no espaço de uma escola.

2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 – A EQUOTERAPIA E AUTISMO: Reabilitação Clínica e Inclusão Escolar

Nesta seção, buscamos sistematizar a localização de evidências de estudos científicos na área da Equoterapia e Autismo. O que temos disponível nas bases de dados que consultamos de informações virtuais, bibliotecas virtuais mais precisas e confiáveis como o Google Acadêmico, periódicos da Capes e os links com bases de dados de periódicos da saúde e educação partem de dados elegíveis mais considerados no campo clínico, principalmente com o cruzamento desses temas: Equoterapia e Autismo.

Nesse sentido, fizemos o exercício em abordar temas de Equoterapia e Autismo com bases de dados disponíveis na literatura já publicada em forma de livro e algumas proposições bibliografias que descrevem distintamente cada um dos temas, nos focando no que tange o autismo, buscamos referendar nossos estudos, sobretudo na área psicologia comportamental, porém não aplicadas a um tipo Equoterapia Educacional. Constatamos que o estado da arte desses temas atravessados é um campo a ser mais investigado até no campo da Equoterapia formal. Com isso, averiguamos que os referenciais teóricos são proposições de pesquisadores que contribuem com o estudo (ainda incipiente e de viés clínico) da Equoterapia no Brasil.

A Equoterapia da UFRRJ tem também essa função de identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos com deficiência, considerando suas necessidades educacionais específicas. Emergimos de um contexto em que os cavalos se incluíam para as funções de estudos veterinários e zootécnicos para o espaço da escola, para a pesquisa escolar e o para o uso do cavalo como um recurso pedagógico, como agente educacional que por meio de atendimentos psicopedagógico de crianças com necessidades especiais a três anos e meio de intervenção pedagógica vem desenvolvendo a permanência e continuidade da criança na escola. Isso tudo, por meio de estudos, análise e produção de relatórios semanais, desses profissionais, de cada

criança inserida no projeto equoterápico, atividades coletivas e individuais planejadas pela equipe de mediadores, supervisão e coordenação do projeto de Equoterapia na escola. Segundo o DSM - *Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais*, que define como é feito o Diagnóstico de Transtornos Mentais, até sua 4ª edição, o Autismo era caracterizado dentro Transtorno Globais do Desenvolvimento – TGD com o comprometimento severo e invasivo em 03 áreas do desenvolvimento: habilidades de interação social recíproca; de comunicação e comportamentos dispare e ainda interesses restritos. Desta forma o TGD tem suas características o atraso nas áreas de socialização e comunicação no processo de desenvolvimento da criança na primeira infância. Sendo incluídas na classificação do TGD cinco categorias que são: *o Transtorno Desintegrativo da Infância* ou *Síndrome de Heller*; *Síndrome de Asperger*, *Síndrome de Rett*, *o Autismo* e *o Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação*, que inclui Autismo Atípico..

Porém em maio de 2013 que após revisão desse manual passa a ser incluída uma nova grade diagnóstica do autismo ampliando assim a classificação para Transtorno do Espectro Austista sob a responsabilidade da Associação de Americana d Psiquiatria, que publicou a quinta edição do DSM.

O DSM – V nos apresenta outra nova visão classificatória da área médica do autismo. Esse manual é repercute na área da Psiquiatria, Psicologia e também da Educação, que influi nas práticas pedagógicas dos professores. É uma percepção marcada pela área médica e também marcada como produtora de cultura e de impactos imprevisíveis:

Ainda que tenhamos sido enfadonhamente modestos em nossos objetivos, obsessivamente meticulosos em nossos métodos e rigidamente conservadores em nosso produto, falhamos em prever ou prevenir três novas falsas epidemias de transtornos mentais em crianças – autismo, déficit de atenção e transtorno bipolar na infância. Ou seja, tem-se claro o poder e o agir sobre o sofrimento mental, chegando, no limite, ao aumento de prevalência de determinadas condições clínicas em função da alteração nos critérios de cada nova edição lançada (FRANCES, 2013 apud ZORZANELLI, 2014, p. 58)

As principais características mais comuns no processo de identificação do TEA são mais perceptíveis entre o 12º ao 24º mês de vida, o que geralmente não é parâmetro geral em todos os casos, já que podem ser reconhecidos antes dos 12 meses de idade, se os atrasos no desenvolvimento forem assisados ou graves ao longo da primeira infância.

Esses indícios de TEA comumente envolvem a demora da linguagem verbal, deficiência de interesse social ou ações sociais insólitas, comportamentos curiosos e repetitivos, ausência de brincadeiras com crianças da mesma idade, a colocação de brinquedos numa enfileirados. Muitas vezes um check-up de surdez é geralmente, feito pela família, o que habitualmente não é diagnosticado pelo médico.

O DSM V comportou o Transtorno do Espectro Autista seja diagnosticado com ocorrências de mais de um transtorno do neurodesenvolvimento. Isso pode ocorrer em sujeitos com TEA comumente apresentem deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual), e crianças com Transtorno de déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) que podem apresentar também esse transtorno específico da aprendizagem.

Esse diagnóstico individualizado para cada criança com TEA, passa por limitações sociais constantes na comunicação recíproca, na interação social e nos comportamentos restritos de comunicação verbal e não verbais. Porém, o diagnóstico requer a presença de padrões restritos e repetitivos de alguns transtornos, a apresentação clínica inclui sintomas tanto de excesso restritivo quanto as situações limítrofes que são considerados padrões anunciados no TEA. Assim, o DSM V prevalece à modificação do DSM IV que conjecturou um olhar que os transtornos autísticos referem-se os mesmos matizes com outras variações na comunicação recíproca, interação social, comportamentos estereotipados e no plano de interesses e atividades restritas e repetitivas.

No que se refere à prática da equoterapia abordamos um enfoque na literatura bibliográfica da Equoterapia, mas também procuraremos desconstruir essa concepção e discutir outro entendimento de Equoterapia que não fragmente a criança especial enquanto totalidade histórica e cultural e também não emperre o seu rico processo de escolarização e as possibilidades da Equoterapia como suporte pedagógico.

A Associação Nacional de Equoterapia (ANDE) Brasil preconiza a Equoterapia como um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de Saúde, Educação e Equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou de necessidades especiais (ANDE, 2013).

Apreende-se, desse modo, que um método de atuação do psicopedagogo educacional implica uma sucessão planejada e sistematizada de ações, tanto do professor quanto do aluno; requer a utilização de meios recursos didáticos pedagógicos, os quais o agenciamento, por exemplo, do cavalo pode auxiliar na escolarização de alunos com necessidades educacionais especiais em que atividades equestres podem dirigir e estimular o

processo de escolarização dos alunos. Desse modo, o método utiliza intencionalmente um conjunto de ações, passos, condições externas e procedimentos.

Para Libâneo (1998, p. 153), os alunos, por sua vez, sujeitos da própria aprendizagem, utilizam-se de métodos de assimilação de conhecimentos. Para o autor, “o método de ensino não se reduz a um conjunto de procedimentos. O procedimento é um detalhe do método, formas específicas da ação docente utilizadas em distintos métodos de ensino” (LIBÂNEO, 1998, p. 153).

A Equoterapia pode ser considerada um método educacional COM e SOBRE o cavalo, ou seja, atividades equestres e o uso de procedimentos da área da equitação podem fazer parte da metodologia do trabalho equoterápico. Isso para apoiar ou dar suporte a escolarização de alunos com autismo e/ou de necessidades educacionais especiais. Desse modo, a Equoterapia com a intervenção concomitante as sessões pode se utilizar procedimentos escolares como trabalhos de leitura, alfabetização, atividades psicomotrices, jogos, cantorias, rodas, brinquedos, desenhos entre outras práticas escolares.

É sob essa perspectiva que se constitui o conceito de Educação Inclusiva. Esse tipo de educação trata de compreender como o aluno pode se adaptar à escola. É a escola que tem que adequar para atender a todos, mesmo aqueles que apresentam alguma deficiência ou condição atípica de desenvolvimento e aprendizagem. Toma-se a referência Internacional da Declaração de Salamanca para a inclusão de todos como forma de anulação do projeto de currículo único, em que a segregação assume uma atitude não educacional.

As crianças e jovens com necessidades educacionais especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas devem se adequar, já que tais escolas constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias(...), constituindo uma sociedade inclusiva e atingido a Educação para todos. (UNESCO, 1994, p.8-9).

2.2 – EQUOTERAPIA EDUCACIONAL E A PRÁTICA PSICOPEDAGÓGICA

Nessa perspectiva, a prática psicopedagógica inclusiva faz recomendar que todos os indivíduos que por diferentes motivos, em algum momento de sua vida necessitam de algum tipo de atendimento ou atenção pedagógica especial dependem de uma mudança significativa no currículo posto. Não é só deficiência ou condição orgânica que o diferencia do outro, mas podem resultar de problemas sociais, culturais, entre outros que interferem no processo de

aprendizagem dos sujeitos como o não reconhecimento e compreensão de diversidades e diferenças de culturas no interior de uma escola.

A Equoterapia segue esse curso integrador/inclusivo e ela trouxe para a pessoa com deficiência um programa mais filantrópico, que ampliou e desenvolveu essa temática, chegando às associações sem fins lucrativos, reconhecidos pelos órgãos públicos e conselhos de saúde¹.

Desse modo, a Equoterapia entra em cena como um AEE por meio do cavalo para os casos de deficiências motriz, mental, neuromotrices, distúrbios comportamentais com técnicas adequadas do universo da equitação em centros especializados para tratamentos de pessoas deficientes coordenados por profissionais da área da saúde, das ciências humanas, do esporte e da equitação em que os programas principais variam entre:

- A hipoterapia em que o cavalo é empregado mais como suporte do tratamento motor do praticante e ele deve ser auxiliada por mediadores, auxiliares laterais e guias. Esse programa é mais usado em sujeitos que necessitam de apoio humano nas laterais do cavalo e muitas vezes de montaria dupla, pois o praticante, nesse programa, é dependente dos auxílios humanos para permanecer montado. O programa tende a ser particular e individualizado para cada necessidade especial do praticante e a andadura do cavalo nesse programa é o passo.

- A Educação e a Reeducação é um programa equoterápico em que o cavalo é usado como instrumento psicopedagógico. A Equoterapia pode ser utilizada como apoio na escolarização dos praticantes. Ela é indicada ao praticante com mais de autonomia para a montaria e com isso completar sua sessão com atividades escolarizadas ou da cultura da escola formal. O programa tende a ser particular e individualizado para cada necessidade especial do praticante e a andadura mais utilizada do cavalo nesse programa é o passo.

- O programa Pré-Esportivo parte de atividades de equitação em que o praticante já tem condições de conduzir o cavalo com independência. Os praticantes já podem ser incluídos numa atividade mais inclusiva, a qual os sujeitos com necessidades especiais

1 Em 2003, o Conselho Federal de Medicina (CFM) emite o PARECER CREMERJ N. 128/2003, reforçando e esclarecendo o parecer de 1997. Disponível em: <http://www.portalmédico.org.br/pareceres/crmrj/pareceres/2003/128_2003.htm>. Acesso em junho de 2013.

trabalham em grupo, com o objetivo de preparar os praticantes para apresentações equestres ou competições. O trote já é a andadura indicada neste programa.

- O programa esportivo é para o praticante que já possui total independência com a montaria. Nesse programa, o praticante pode realizar atividades adestradoras, saltos, galopes. São atividades inclusivas com competições, ranking e tem o objetivo representativo do esporte paraolímpico.

Uma obra de como o autismo é reconhecida na literatura da Equoterapia aqui no Brasil é o livro produzido por Heloisa B. G. Freire, a partir de suas experiências com crianças autistas com o título “Equoterapia: teoria e técnica, uma experiência com crianças autistas” (FREIRE, 1999a). Tal estudo pauta a Equoterapia de crianças autistas típicas e atípicas e não especifica um contexto cultural e social da criança.

Quanto aos nossos objetivos, pretendíamos avaliar as possibilidades da Equoterapia enquanto recurso terapêutico no tratamento de crianças autistas ou portadora de distúrbios autistas atípicos, segundo a classificação do DSMIII-R (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) e DSM-IV. Para isso, buscamos reunir informações sobre as crianças atendidas, identificar através das sessões, os comportamentos mais característicos do autista na sessão de equoterapia e verificar as principais alterações de comportamento do autista, pré e pós intervenção. (FREIRE, 1999a, p.79)

A nossa trajetória metodológica põe, principalmente, como questão fundamental, neste estudo, a inclusão da Equoterapia com a atuação do psicopedagogo escolar, na escolarização de crianças com autismo no interior de uma escola agrária. Essa questão tem seu mérito escolar, pois a Equoterapia Educacional UFRRJ/ já faz parte do CAIC Paulo Dacorso Filho desde o ano de 2013 e, todos os agentes educacionais já consideram os cavados como também agentes escolares. Assim, todos (os agentes escolares do CAIC Paulo Dacorso Filho) sabem que os alunos com necessidades especiais são atendidos pelos cavalos todas as terças feiras no horário da manhã.

A partir dessa trajetória, elegemos para esta pesquisa, a metodologia do tipo qualitativa, que, para nós, prioriza a descrição clara e aberta das informações dos agentes

escolares envolvidos com a prática psicopedagógica equoterápica na escola e a escolarização de um aluno com autismo, que foram escolhidos para a análise. Nisso, buscamos compreender neste trabalho um estudo de caso, particular de uma criança com autismo que se desenvolveu num processo pedagógico em que empregamos os cavalos da Equoterapia da UFRRJ num trabalho dialógico e colaborativo entre os sujeitos escolares, a criança e a Equoterapia.

É interessante expor que para Ludke e André (1987), a pesquisa qualitativa em educação tem como *approach* o estudo de caso, que comporta uma categoria de pesquisa, cuja parte é uma unidade do todo que se pode analisar de maneira aberta e radicada em uma determinada realidade social, em que a pesquisa sempre está posta na esfera da investigação da pesquisa-ação. Isso que Thiollent (2008) afirma que esse tipo de pesquisa presume “[...] participação dos próprios interessados na própria pesquisa, organizada em torno de uma determinada ação” (THIOLLENT, 2008, p.83). Desse modo, o estudo de caso no cotidiano de uma escola pode contribuir para que os resultados da pesquisa proporcione a melhoria do sujeito estudado, provocando assim a aprendizagem adjacente do pesquisador e o sujeito pesquisado, ambos imbricados numa ação sistemática de um mesmo problema.

Para Trivinos (2007), a pesquisa qualitativa é a que se desenvolve dentro de uma atuação social. Ela adota os dados descritivos a partir da observação, da entrevista aberta. Ela é flexível e enfoca a realidade de forma distinta e contextualizada para apreender melhor a aproximação entre pesquisador e sujeito pesquisado. Ele propõe que a situação estudada (o estudo de caso) seja uma investigação direta do pesquisador e o sujeito pesquisado e, que busque no fenômeno observado, o contato direto com o próprio dentro de seu contexto real, principalmente, quando as fronteiras entre o sujeito da pesquisa e o contexto real em que a pesquisa se dá, são indivisíveis.

Isso fez com que encarássemos a situação dada a partir de resultados que favoreçam também a melhoria do projeto, do sujeito pesquisado e da escola.

Para estabelecer essa questão como uma das principais norteadoras deste trabalho buscou-se, assim, interpretar as respostas sem preconceitos, ouvir os agentes da pesquisa, adaptar em diferentes situações educativas, flexibilizar a pesquisa para atender o outro.

Ao longo do processo de interlocução e intervenção psicopedagógica um dos primeiros pontos observados foram a compreensão e a constituição das crianças enquanto sujeitos de si e em si no contexto dos diferentes espaços da aprendizagem.

Assim, começamos a pesquisa descrevendo as atividades equoterápicas do aluno com autismo e o seu processo de escolarização, tendo como suporte o seu trabalho com e sobre os

cavalos mediados pelo psicopedagogo. Então, decidimos nos voltar ao estudo dele no cotidiano da escola tendo a Equoterapia como apoio pedagógico no contexto desta mediação. Essa ação metodológica foi o nosso suporte de pesquisa e, dessa forma convidamos a escola para a realização da pesquisa. Pelo menos dois dias, observamos os avanços do aluno com autismo na Equoterapia e como ela estava ou não colaborando na escolarização dele nos diferentes espaços/tempos da escola.

Provocamos, dessa forma, colaborar com a práxis educacional de todos os envolvidos, discutindo as ações pedagógicas atinentes à escolarização do aluno, pensando com eles sobre o quê a Equoterapia estava fazendo na escola e, ao mesmo tempo ouvindo a sua práxis pedagógica e com isso cooperando no desenvolvimento de conhecimentos sobre o autismo na nossa prática pedagógica e de cada agente escolar a partir de uma na cultura inclusiva.

Adotamos esses procedimentos por saber que apresentavam as habilidades de nos inserir no arranjo do trabalho dialógico, o qual nos dedicou em toda a nossa pesquisa. Essa metodologia, de fazer com, observar, analisar e sugerir ações pedagógicas em cooperação é um trabalho complexo. Não se passa de um trabalho prolixo, em todos os momentos, pensar com o colega, contribuir para o seu trabalho é uma relação de reciprocidade que depende da participação do todo da escola. Esse jeito de proceder foi se formando a partir do:

Diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 1981, p.42).

Esses procedimentos partiram dessa fundamentação para refletir o trabalho de pesquisa nos diferentes tempos/espacos da escola. O espaço para que os agentes escolares se encontrem e se apropriem e reflitam a escolarização e ao mesmo tempo vivencie o estudo, ponham as lentes inclusivas, pensem nas suas ações que podem mudar. Desse modo, confiávamos que os procedimentos vividos pudessem ajudar o grupo para ver as diferenças e, desse modo, o projeto coletivo oferecesse a todos a reflexão sobre o ‘por que’ da Equoterapia na escola.

Na busca de coletas de dados, buscamos com isso, ouvir os professores, os psicopedagogos e a família e os agentes escolares diretamente ligados a Equoterapia.

Como a primeira professora regente de uma das crianças, que não tinha ainda trabalhado com crianças especiais e também não tinha experiência com crianças com autismo

e não conhecia métodos especiais para o trabalho com as crianças autistas. Segundo a docente que trabalha com a criança no ano de 2015: “[...] ele chegou pra mim pronto, pois quando eu soube que o mesmo era autista, isso nada mudou nos meus planos pedagógicos. Ele não demonstrou qualquer tipo de dificuldades na interação comigo e com os demais colegas na escola. Mas, para isso tive muito o auxílio da professora auxiliar, pois trabalhamos em parcerias de modo que ela me auxiliou muito no dia-a-dia”.

A análise dos dados e como foram tratados nos diferentes tempos e os espaços escolares somaram-se aos as essas diferentes práticas em que os agentes não só contribuíram para a sua inclusão, mas a permanência e continuidade da escolarização do aluno na escola no ano atual.

As atividades equoterápicas mediadas pelo psicopedagogo trouxeram-nos um ambiente brincante com um caminho do cavalo até o aluno e deste até o cavalo que passou por meio de agentes mediadores. Essa composição humana sistêmica parte de um processo de estratégias pedagógicas intimamente radicadas nas ações motrizes individuais do aluno e a sua história pessoal (RAMOS, 2016, p.3). É na interação dialógica que vamos envolvendo na escola, a partir das relações que estabelecemos com o outro e na ampliação da interação motriz, pois:

Ainda que transpassado pelo poder e pelos discursos do poder do cavaleiro, o ambiente de jogo é ainda neste contexto, um espaço privilegiado para se restabelecer a importância de atividades que estimulem a concentração, a antecipação o raciocínio e a cooperação, a solidariedade, a experimentação e a auto-afirmação, em que cavalo e cavaleiro podem interagir bem e planejar estratégias adequadas às possibilidades e limitações de cada um que exerce sua função em jogo. São atividades físicas, com espaços de liberdade, mas com regras e exigências impostas pelos códigos do jogo. Contudo, o entusiasmo pelo “brincar de montar” é um atributo faz parte das artes, teatro, da terapia ou da educação corpórea. Essa uma área de conhecimento em que o espaço de liberdade e ludicidade podem ser construídos com objetivos pedagógicos, com o conhecimento científico, seriedade e um planejamento docente articulado com uma estratégia equoterápica. (RAMOS, 2016, p.5).

Uma provocação observada nesse processo foi à interação, já que a criança entende bem as relações sociais, mas se comunica pouco, sabe o que os outros estão dizendo, pelos nossos dados, em qualquer tipo de contexto, apesar de utilizar pouca expressão verbal para manifestar suas ações escolares. Esse fato faz parte do seu estilo de vida como qualquer outra

criança que escolhe uma melhor forma de agir e por isso não podemos nos guiar por uma mera classificação etiológica.

Sendo assim a busca pelo o desejo de mudança das crianças e sua completude enquanto indivíduos autônomos foram o que permitiu-nos avançar nessa reflexão quanto o relevante papel da atuação do psicopedagogo em uma atividade pouco explorada, que é a prática da equoterapia. Sabemos que houve mudanças efetivas, no percurso dessa pesquisa para a elaboração deste artigo, que se podem encontrar no seu comportamento mais aberto. Com relação ao ensino escolar, pode-se observar, por exemplo, as mudanças metodológicas, no âmbito de sua particularidade, que foram sedimentando, concomitantemente o trabalho colaborativo DA escola e NA escola.

3 – CONCLUSÃO

Como conclusão, apresentamos as considerações sobre a evolução da criança com autismo, em relação à inclusão e seu percurso de aprendizagem escolar, apontando por meio da análise de dados os avanços/retrocessos em um movimento não linear em sua aprendizagem como um todo. E indicar no que o trabalho do psicopedagogo na prática equoterápica educacional colaborativa na escola pode proporcionar de avanços no desenvolvimento biopsicossocial na sistematização e do êxito da aprendizagem da cultura escolarizada do sujeito na escola.

Acredito, assim, que este trabalho possa contribuir com as discussões da apropriação do ensino-aprendizagem pela criança autista e sua inclusão trazendo nova significação pedagógica para a atuação deste profissional, em que cavalos, gentes e todos os seres que tem fôlego precisam ser explicados de acordo com sua inserção concreta na cultura escolar.

Essa nova significação pedagógica aproximou a escola da prática docente favorecendo o alargamento das experiências tipicamente de pesquisa e extensão universitária, com recursos pedagógicos e relações interativas entre as crianças/psicopedagogos/professores/cavalos. Nossas conclusões apontam que, no espaço da educação fundamental, a mediação equoterápica pode favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem escolar da criança com autismo como um todo. O processo psicopedagógico da Equoterapia na inserção da criança autista, como praticante-aluno nas práticas equoterápicas concomitantemente com a aprendizagem da cultura escolarizada rompeu com a separação

preconceituosa dos agentes escolares e permitiu a reconstrução e reorientação de uma nova semântica escolar da criança com o autismo, a de quem pode se desenvolver integralmente, participar do cotidiano da escola e propiciar autonomia social.

REFERENCIAS

ANDE-BRASIL. **Apostila do curso básico em Equoterapia**. Brasília, 2013

ARROYO, M. G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 20011.

BAKTHIN, M. **Estética e criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992

BAUTZMGRA, J. L. **As representações sociais e transdisciplinares da inclusão estudo de caso do Centro de Equoterapia implantado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do sudeste de Minas – Campus Barbacena**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ - Instituto de Agronomia. Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola – PPGEA, 2010 (Dissertação de Mestrado).

BOSA, C. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: BATISTA, C. R.; BOSA, C (Org.) **Autismo e educação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 05 de outubro de 1988.

_____. **Desafios da Educação Especial**, da Secretaria de Educação Especial – SEESP/MEC, 1994.

_____. **Desafios da Educação Especial**, da Secretaria de Educação Especial – SEESP/MEC, 1994.

_____. **LDBEN 4024/61**. Disponível em: <<http://www.legislacao.planalto.gov.br>>. Acesso em: 20 set. 2009.

_____. **LDBEN 5692/71**. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br>>. Acesso em 20 set. 2009.

_____. MEC. **Política Nacional de Educação Especial**. SNEE, Brasília, 1994.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: SEESP, 1994.

_____. Ministério da Educação. Formação continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado. **Deficiência Mental**. Brasília: SEESP/SEED, 2007.

CARVALHO, A.M.A. **Etologia e Comportamento Social**. Em: Psicologia, reflexões (im)pertinentes, Casa do Psicólogo, 1998. p. 195-202.

CARVALHO, A.M.A. **O lugar do biológico na Psicologia: o ponto de vista da Etologia**. Biotemas, 2(2): 1989. p. 81-92.

CHIOTE, F. de A. B. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

COPETTI, F.; MOTA, C. B.; GRAUP, S.; MENEZES, K. M.; VENTURINE, E. B. Comportamento angular do andar de crianças com síndrome de Down após intervenção com equoterapia, **Revista Brasileira de Fisioterapia**, v. 11, n. 6, 2007. p. 503-507.

DAMASCENO, A. R. (Org.); PAULA, L. A. L. (Org.); MARQUES, Valéria (Org.). **Educação Profissional Inclusiva: desafios e perspectivas**. 1. ed. Seropédica: EDUR, 2012. v. 1. 214p.

DIAS, E. MEDEIROS, M. **Equoterapia: bases e fundamentos**. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

FREIRE, H. B. G. **Equoterapia: teoria e técnica, uma experiência com crianças autistas**. Ed. Vetor, São Paulo, 1999a.

_____. **Estudo de caso: Equoterapia com uma criança portadora de distúrbio autista atípico**. Universidade Católica Dom Bosco, 1999b. Disponível em: <equoterapia.org.br/media/artigos-academicos/documentos/18091716.pdf>. Acesso em 2 fev. 2015.

_____. **O Autista na Equoterapia: a descoberta do Cavallo**. Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande, 2009. Disponível em: <<http://www.universoautista.com.br/autismo/modules/news/article.php?storyid=476>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

FREIRE, P. MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. São Paulo, Paz e Terra, 1990.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3ª edição. São Paulo: Cortez & Moraes, 1981.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOES, M. C. R. As contribuições da abordagem histórico-cultural para a pesquisa em Educação Especial. In: BAPTISTA, C. R.; CAIADO, K. R. M. & JESUS, D. M. (Org.) **Educação Especial: diálogo e pluralidade**. Ed. Mediação, Porto Alegre, 2015. p. 39-48.

GOES, M. C. R. Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: contribuições da abordagem histórico-cultural. In: OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C. **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002. p. 95-114

LEMONTOV, T. **Psicomotricidade na Equoterapia**. SP: Idéias e Letras, 2004.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo, Ed. Cortez. 1998

MARQUES, V. RAMOS, J. R. da S. ;; ALMEIDA, F. J. . Equoterapia: proposta interdisciplinar de educação e saúde. In: **IX Simpósio Pedagógico e Pesquisa em Comunicação**, 2014, Resende RJ. SIMPED 2014, 2014. p. 1-9.

OTERO, F. L. BURGUÉS, P. L. **Introducción a la Praxiologia Motriz**. Lleida: Editorial Paidotribo, 2003.

PARLEBAS, P. **Jeux, Sport et Sociétés Lexique de Praxiologie Motrice**. Collection Recherche, INSEP. Paris, 1999.

PATTO, M. H. S. (Org.). **Introdução à Psicologia Escolar**. 3. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

RAMOS, J. R. S. **Cavalos, remo e o esporte no interior de uma universidade agrária**. Rural Semanal. Informativo da UFRRJ ANO XX – 2013, p. 2.

THIOLLENT, M. Notas para o Debate sobre pesquisa-ação. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Repensando a Pesquisa Participante**. Brasiliense, São Paulo, 1984.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas educativas especiais**. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

ZORZANELLI, R. Sobre os DSM's como objetos culturais. In: ZORZANELLI, R. BEZERRA JR. B. COSTA, J. F. (org.) In: **A criação de diagnósticos na Psiquiatria Contemporânea**. Rio de Janeiro, Ed. Garamond, 2014.

Recebido em: 20/10/2018

Aceito em: 29/10/2018

Endereço para correspondência:

Nome: Francelina de Queiroz Felipe da Cruz

e-mail: francqfcruz@oi.com.br



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)